



Revista Brasileira de Pesquisa em  
Turismo

E-ISSN: 1982-6125

edrbtur@gmail.com

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-  
Graduação em Turismo  
Brasil

Marques da Silva, Sylvana Kelly; Bastos Alves, Maria Lúcia  
Fotografias da “Cidade do Sol”: um registro de revelações e ocultações  
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, vol. 8, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014,  
pp. 456-475  
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=504151940006>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Fotografias da “Cidade do Sol”: um registro de revelações e ocultações

Photographs of "the Sun City": a registry of exposure and concealment

La fotografía de la “Ciudad del Sol”: un registro de revelaciones y ocultamientos

Sylvana Kelly Marques da Silva<sup>1</sup>  
Maria Lúcia Bastos Alves<sup>2</sup>

**Resumo:** Entre os diferentes meios de comunicação a fotografia destaca-se como um importante documento visual, que se estabelece na tensão entre a ocultação e a revelação, primordial para o entendimento dos aspectos imaginários do social e suas mediações. O grande elo entre a fotografia e o turismo está justamente em não ser o retrato da sociedade, mas sim, sua representação e memória fragmentada, passível de interpretações contínuas. As fotografias são circunscritas por questões sociais e culturais definidas, já que existem a partir de um processo de criação e montagem que consiste em escolhas e decisões sobre o que merece ser fotografado. Discutir-se-á o papel das fotografias da cidade de Natal concatenadas a atividade turística, buscando o que há de específico que contribuiu para a construção de paisagens turísticas na cidade do Natal e analisando os elementos ideológicos que motivaram sua materialização nos espaços da cidade. Para tal, serão analisadas as imagens da revista *Fatos e Fotos*, 1968, por meio da observação iconográfica e iconológica sugerida por Kossoy (2003; 2006; 2009) e direcionadas pela leitura crítica de José de Souza Martins (2009), que afirma a mediação da fotografia nos interesses imersos no cotidiano social, traduzindo-se em expressão dinâmica do registro, um resultado de presenças e ausências que revelam as negações e contradições do mundo real. Por fim, entende-se que as paisagens da cidade não existem em si mesmas, enquanto um espaço natural, mas foram consolidadas através dos discursos e visualidades atrelados à lógica hegemônica da sociedade capitalista.

**Palavras-chave:** Fotografia; Paisagem; Turismo; Natal.

**Abstract:** Among the different media the photograph stands out as an important visual document that establishes the tension between concealment and revelation, crucial to understanding the social and imaginary aspects. The most important relation between photography and tourism is precisely in both don't being the picture of society, but rather, they are a representation and fragmented memory, capable of continuous interpretations. Photographs are circumscribed by definite social and cultural issues, as there are from a process of creation and assembly consisting of choices and decisions about what deserves to be photographed. This paper discuss the role of photographs of Natal City concatenated to tourism, searching

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: sylkelymarques@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia, Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: marialucia29@yahoo.com.br

for what is specific that contributed to the construction of tourist landscape in the Natal city and analyzing the ideological elements that motivated its materialization in the spaces of the city. The photographs of Fatos e Fotos magazine published in 1968 will be analyzed through iconographic and iconological observation suggested by Kossoy (2003, 2006, 2009) and directed by dialectical reading of José de Souza Martins (2009), who claims photography's mediation in the interests immersed at the social life, resulting by the dynamic expression of the exposure, a result of presences and absences that reveal the denials and contradictions of the real world. Finally, means that the landscapes do not exist in themselves while a fixed space, but were consolidated through the discourses and images linked to the hegemonic logic of the capitalist society.

**Keywords:** Photography; Landscape; Tourism; Natal City.

**Resumen:** Entre los diferentes medios de comunicación, la fotografía se destaca como un documento visual importante que se establece en la tensión entre la ocultación y la revelación, que es de suma importancia para la comprensión del imaginario social y sus mediaciones. El gran vínculo entre la fotografía y el turismo es precisamente en no ser la imagen real de la sociedad, pero es su representación y es su memoria fragmentada, capaz de interpretaciones continuas. Las fotografías están circunscritas por cuestiones sociales y culturales concretas, ya que existen a través de un proceso de creación y montaje que consiste en elegir y tomar decisiones acerca de lo que merece ser fotografiado. Se reflejarán sobre el papel de las fotografías del turismo de la ciudad de Natal vinculada a la actividad turística, buscando en particular o que contribuyó en la construcción de los paisajes de interés turístico en la ciudad de Natal y si va analizar los elementos ideológicos que motivaron su materialización en los espacios de la ciudad. Para tal fin, se analizarán las fotos de la revista "Fatos e Fotos" en 1968. El método utilizado es la observación iconográfica y iconológica sugerido por Kossoy (2003; 2006; 2009) y dirigida por la lectura dialéctica de José de Souza Martins (2009), que establece que la fotografía media los intereses inmersos en la vida social cotidiana, lo que resulta en la expresión dinámica del registro, un resultado de presencias y ausencias que revelan las negaciones y contradicciones del mundo real. Por último, se entiende que los paisajes no existen en sí mismos, como un espacio fijo, pero se consolidaron a través de los discursos y visualidades vinculadas a la lógica hegemónica de la sociedad capitalista.

**Palabras claves:** Fotografías; Paisaje; Turismo; La ciudad de Natal.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao pensar-se na fotografia e na cidade, inevitavelmente remete-se à problemática do espaço. A fotografia tem em si um espaço, o fotojornalismo de revista, como o da revista *Fatos e Fotos* carrega a fotografia e desloca esse espaço em forma de paisagem, que é um espaço resultante da relação dicotômica entre o homem e sua geografia. Henri Lefébvre (1999; 1986) em suas obras contribui de forma profunda com duas questões basilares para a interpretação do espaço, aqui recortado nas imagens fotográficas: levanta a tese de que o espaço é social e também se debruça na teoria da vida cotidiana, no qual observa a prevalência do repetitivo em relação ao transformador.

Sendo o espaço social, as práticas humanas por meio do pensamento ou da ação são construtoras de espaços. E, influenciadas pelo capital dispõem de uma importante ferramenta que é o planejamento para materializar as ideias (Harvey, 2005). De todo modo, essa sequência não é uma regra, pois nem sempre o pensamento precede a ação, o que configura a dinâmica

intervencionista do indivíduo, que por sua vez promove um processo de aculturação e hegemonia que dá uma dinamicidade às cidades (Lefévre, 1999).

Ao praticar os espaços os indivíduos se apropriam e realizam a topografia urbana por meio de contradições e conflitos que podem ser analisados com apoio da tríade teórica sugerida por Lefévre: *vivido - percebido - concebido*. A saber, espaço vivido (espaço representacional): toma forma através daqueles que o vivenciam, é a diferença do modo de vida programado, é um resíduo da clandestinidade e do irracional. Espaço percebido (práticas espaciais): são as práticas espaciais oriundas de valores e relações específicas de cada formação social, corresponde a uma lógica de percepção da reprodução e da produção social. E, espaço concebido (representações do espaço); ao concebido o autor atribui as representações abstratas, o pensamento hierarquizado, imóvel, distante do real, originário do saber técnico e ao mesmo tempo ideológico (Martins, 1996).

Lefévre usa de maneira criativa o materialismo histórico dialético para análise da categoria espacial. Busca revelar como o espaço é vivido, percebido, praticado, concebido, pensado, significado, produzido e reproduzido. Em suma, desnaturaliza o conceito de espaço, destaca que não basta pensar a partir de uma definição abstrata, buscando aplicabilidade para o conceito por intermédio de uma definição pré-estabelecida do que seria esse espaço. Porém, pensar o espaço é verificar quais as relações que estão imersas no escopo que se quer apreender. E, na contemporaneidade o autor percebe nos espaços uma tendência cotidiana à fragmentação e a incerteza, que coloca uma maior atenção no presente. Para operar com esse tempo e espaço, fragmentário e incerto instituído, principalmente, após o cotidiano pós-guerra a fotografia emerge como um importante documento visual. Um documento que se estabelece na tensão entre a ocultação e a revelação, como destaca Martins (2009), primordial para o entendimento dos aspectos imaginários do social e suas mediações, principalmente para as mediações referentes à memória.

Nesse aspecto é interessante perceber que o grande elo entre a fotografia, o espaço e o turismo está justamente em não ser o que se imagina: um retrato da sociedade. Não há um retrato da sociedade, um espaço que é mero palco dos acontecimentos ou um momento que é congelado do real nessas categorias. O que existe é uma representação, uma memória fragmentada das situações, o devir do fluxo e em fluxo, passíveis de interpretações contínuas. Assim, o que une essas dimensões é a possibilidade de perceber as diferenças, os contrastes, as tensões entre as representações e o cotidiano, pois na base de tudo há a diversidade e não a padronização.

Partindo desses pressupostos, discutir-se-á nesse artigo o papel das fotografias no jornalismo da revista *Fatos e Fotos*, imagens recortadas pelo discurso que envolve a atividade turística, evidenciando, sobretudo, a zona litorânea de uma das capitais da região Nordeste, a cidade de Natal. Fotografias que circularam no ano de 1968, tendo em vista o momento inicial da inserção do turismo nos espaços da capital natalense. São imagens circunscritas por questões sociais e culturais definidas, já que a fotografia existe a partir de um processo de criação e

montagem que consiste em escolhas e decisões sobre o que merece, ou não, ser fotografado. Em torno dessas fotografias será observado, principalmente, o que há de específico que contribuiu para a construção de paisagens na cidade de Natal atreladas aos discursos do progresso e do turismo. A atividade nesse período começa a se organizar amparada pelas condições tecnológicas dos meios de comunicação, de transportes e das políticas que visam planejar e fomentar o turismo no país. Como exemplo, podem-se citar os incentivos criados para o financiamento de projetos para desenvolver a atividade turística a partir da Política Nacional de Turismo de 1966, como: O FUNGETUR (sistema de incentivos fiscais para o setor hoteleiro); FINOR (Fundo de Investimento do Nordeste); FINAM (Fundo de Investimento da Amazônia) e o FISET (Fundo de Investimentos Setoriais). Primeira Política Nacional de Turismo, que dá a entender o destaque que a atividade gagna em âmbito nacional (Beni, 2006).

Em prol desse cenário questiona-se os elementos ideológicos que estão por trás das imagens fotográficas, que motivaram e materializaram certos processos urbanos nos espaços da cidade. Como método far-se-á uma análise dialética, com apoio teórico de Lefebvre (1986; 1999), Schama (1996), Souza Martins (1996; 2009) e Kossoy (2003; 2006; 2009). Como procedimento metodológico, para leitura do material fotográfico produzido pelo profissional Sebastião Barbosa e divulgado na revista *Fatos e Fotos*, elegemos a releitura que o historiador Boris Kossoy (2003) fez do método de Panofsky, dividindo-o nos níveis de observação iconográfica e iconológica.

Especificamente, a análise iconográfica trata o aspecto literal e descritivo do documento, a fim de decodificar sua realidade exterior, sua face visível ou nas palavras de Kossoy (2003;2009) “a segunda realidade”, ou seja, busca os elementos necessários para a materialização documental. A análise iconológica extrapola o que é dado a ver, é o estágio mais profundo, no qual busca-se os elos por meio de dois caminhos sugeridos: o da historicização do assunto, independente da representação e o da desmontagem das condições de produção que resultou na representação, busca-se assim a realidade interior a “primeira realidade”, além da verdade iconográfica.

Ao método de Kossoy, acrescenta-se os direcionamentos dados por José de Souza Martins (2009), no qual afirma que para além de representar ilustrações, congelamento de um dado momento ou um objeto compreendido a partir de si mesmo a imagem fotográfica é mediadora de interesses imersos no cotidiano social, traduzindo-se em expressão dinâmica do registro, um resultado de presenças e ausências que revelam as negações e contradições do mundo real. Nesse sentido ela não é um congelamento, ao contrário, é uma expressão dinâmica do que o fotógrafo registrou e observou naquele momento: um *continuum*.

## 2 A CAPITAL DE NATAL: FRAGMENTOS DE UMA REGIÃO

A capital norte-rio-grandense é Natal. Geograficamente localiza-se na região nordeste do Brasil e como relata o historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior (2012), essa é uma região que nasce e cresce no imaginário nacional associado à ideia de região seca, região do sol que de modo inclemente queima a terra e afasta as possibilidades da natureza florescer, de dar frutos, de

oferecer sombra, dificultando a vida em meio à aridez espacial. Entretanto, é importante destacar que a seca, que marca a região Nordeste é um fenômeno climático que se fez e se faz presente em outras regiões do país e do mundo. Contudo, foi estratégica no início do século XX, na construção discursiva e visual da região para determinados setores, principalmente os setores médios de proprietários de terras, que nesse período veem-se envoltos pela crise econômica e pelo declínio político dos grupos dominantes desta área do país.

Em outras palavras, pode-se afirmar que nas primeiras décadas do século XX emerge para o Brasil, uma região dita atrasada em relação aos ideais de desenvolvimento moderno, relacionados ao sudeste e sul do país – que com a proclamação da república surge como novo polo de poder nacional – supostamente pela sua difícil condição geográfica, climática e pelos efeitos de miscigenação das raças. Uma natureza que antes não era vista, não era pensada, não era criticada e nem estereotipada nas outras áreas do país é elaborada no plano político, econômico e cultural como um espaço da miséria e de injustiça social (Albuquerque Jr., 2006).

Nesse sentido, falar de Nordeste durante praticamente todo o decorrer do século XX, significou mobilizar um universo de imagens negativas. Visualidades que se construía com paisagens compostas por cactos, caveiras de gados mortos, chão rachado e seres humanos esquálidos ou embrutecidos pela natureza local. “O impacto causado pela divulgação das primeiras fotografias feitas do que se começa a chamar de flagelados na imprensa” torna a seca um tema central e um argumento “quase irresistível” entre os grupos políticos no momento de solicitar verbas, investimentos, empregos e outros privilégios junto ao governo federal (Albuquerque Jr., 2012, p. 93). As imagens com a paisagem da seca por muito tempo mediou os discursos que procuravam, por intermédio de um fenômeno natural, justificar os problemas econômicos, políticos e sociais enfrentados pela região. Os fenômenos naturais são variações normais do sistema climático da Terra, que existem há milhares de anos e continuarão existindo. Entretanto, quando os grupos políticos regionais optam por mascarar a real causa dos problemas localizados na região nordeste, que eram sociopolíticos, e afirmam que a natureza é a principal responsável pelas contradições vividas naquela região, transformam o discurso da seca em fonte ideológica, vinculando o discurso aos seus próprios interesses políticos (Dantas, 2002).

Em âmbito nacional, a segunda metade do século XX dá origem a novas formas de intervenção sobre o espaço físico e social, com preocupações essencialmente econômicas. Do Brasil da Era Vargas ao Brasil dos Militares, o país é recortado por decisões políticas e programas que vislumbraram o desenvolvimento econômico com base na industrialização e na modernização das cidades. Nesse ínterim, a atividade turística, que graças ao comércio em série, ao aumento espetacular da população abastada, a criação da indústria das férias, as férias organizadas e ao condicionamento e comercialização do desejo adquire uma grande importância econômica e passa na sociedade industrial a ser entendida como um tipo de indústria rentável.

A atividade de lazer que se desenvolveu na Europa durante o século XVIII, conectada a moda dos caminhos de ferro, transporte rápido de massas, aliou a preocupação com o luxo, o lazer e a velocidade e assumiu em pouco tempo uma dimensão mundial (Barbosa, 2002; Boyer,

2003). Concatenada ao desenvolvimento dessa atividade as zonas litorâneas, mediados por novas práticas e representações, tornaram-se espaços atrativos para viagens e férias. Os gestores das capitais litorâneas, visando às vantagens econômicas do turismo de massas que era direcionado para esses espaços, aperfeiçoaram com novas técnicas de urbanismo o entorno das praias adaptando-as a esse novo lazer da era industrial (Corbin, 1989; 2001).

Nesse norte, a valorização das zonas de praia atravessam as fronteiras dos países considerados desenvolvidos e atinge os países “ditos” em desenvolvimento, deslocando à antiga tradição referenciadora do interior. No Brasil, a valorização dos espaços litorâneos se dá, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial e concentram-se previamente no litoral sul e sudeste. Nas últimas décadas do século XX, com a maior inserção do capital nas capitais nordestinas e maior atuação do Estado na construção dos espaços, as cidades litorâneas do nordeste se inserem na lógica de valorização turística (Dantas, 2002). Caso, da cidade de Natal (Lopes Júnior, 2000).

### 3 A CRENÇA NO PROGRESSO ASSOCIADA AO TURISMO

O século XX inicia marcado por grandes transformações: as conquistas trabalhistas; os meios de transportes rápidos, favorecido pelo desenvolvimento industrial e tecnológico; a disseminação das imagens fotográficas, com auxílio da mídia impressa, como: o cartão postal, as revistas ilustradas e os jornais, contribuíram com a ampliação das visualidades do mundo; e o apelo da comunicação em massa. Essas, entre outras, foram transformações pontuais para a intensificação dos deslocamentos espaciais. As regiões, por mais distantes que estivessem dos centros capitalistas europeus interligavam-se em uma ordem mundial, intensificando as trocas culturais por meio das viagens e das cargas materiais e simbólicas que eram trocadas nesses movimentos. É um período marcado pela velocidade e técnica que integraram o mundo, modificando os sentidos de espaço e de tempo. (Arrais, Andrade & Marinho, 2008).

Essas transformações acrescidas dos desejos de experimentar novos espaços motivou o turismo de massa, que além de aproveitar-se, primordialmente, dos espaços pelo seu valor paisagístico, requereu reestruturações espaciais para a sua recepção. A paisagem, nessa circunstância, exprime-se como objeto de observação e consumo. E, o turismo enquanto atividade torna-se dependente das imagens que divulgam, constroem e reconstroem os espaços transformando-os em paisagens ligadas a ideologias ortodoxas. Destaca-se, sobretudo, o valor estético, os sentidos simbólicos e os recursos agregados ao seu entorno, a fim de atender às demandas construídas no imaginário dos turistas (Meneses, 2002). Cruz, afirma que “toda paisagem, portanto, pode ser turística”, visto que sua estética é ditada por padrões culturais e hegemônicos de uma época (2002, p. 110).

Na estética dos espaços o olhar é uma condição essencial para a existência cultural da paisagem, em outras palavras à imagem está no âmago do seu conceito. Pode-se afirmar que o mesmo acontece com a fotografia e com o turismo; retroalimentam-se pela estética vinculada ao

olhar. Deste modo há entre a paisagem, o turismo e a fotografia uma tríade em que a visão é o sentido principal. E, as imagens fotográficas, ainda no início da organização da atividade turística, que aqui se considera estar ligada à sociedade industrial e capitalista, começam a circular. O crescimento do turismo de massa, as melhorias nas técnicas e as condições de produção tornam a captação de imagens de paisagens, principalmente de cidades, atraentes para os fotógrafos. Logo, dos temas pertinentes que podem ser analisados por intermédio da fotografia, as paisagens relacionadas à atividade turística, desperta à atenção (Marques, 2013).

Das distintas capitais litorâneas brasileiras introjetadas no ideário de fomentação do turismo por intermédio do segmento *Sol e Mar* que podem ser escolhidas para uma análise, esse artigo direciona-se à capital do estado do Rio Grande do Norte: Natal, na região Nordeste. Isso porque a cidade de Natal, também conhecida como capital Potiguar, tem um processo de desenvolvimento urbano, inclusive de implementação de infraestrutura básica, considerado tardio em relação às capitais centrais do país e esse desenvolvimento urbano praticamente coaduna-se com as primeiras políticas de incentivo ao turismo no país, que localizam-se majoritariamente no período pós Segunda Guerra Mundial. Assim, o desenvolvimento da atividade turística relaciona-se, parcialmente, com o próprio desenvolvimento urbano da capital. No mais, trata-se de um local que atualmente tem significativa parcela do seu Produto Interno Bruto (BIP) vinda do turismo. Por outro lado, o impacto do fenômeno nessa capital, implementou rigorosas mudanças sócio-espaciais (Furtado, 2005). Nesse sentido, a cidade de Natal é um espaço ímpar para pesquisas que envolvem o fenômeno do turismo.

É na década de 1960, que se iniciam no Nordeste os primeiros fragmentos em direção a uma mudança ideológica em relação às práticas tradicionais (visualidades da seca) que dominavam esse espaço. Essas transformações esboçam-se em prol da expectativa de desenvolvimento e progresso em relação ao futuro. Nesses termos busca-se a inserção nas lógicas globais, na expectativa da construção de uma imagem utópica e imaginária, possível de se consolidar no futuro, ou seja, uma nova versão do Nordeste começa a ser elaborada, começa a ser nutrida pela propaganda da elite local que visava, agora, atrair recursos financeiros por intermédio do turismo e da industrialização (Albuquerque Junior, 2006).

As novas paisagens que emergem divulgando a região se opõem à antiga tradição referenciadora do local, que era articulada por meio de elementos que promovia o imaginário sobre a seca e a pobreza do sertão, direcionando o olhar para o interior. O deslocamento na visualidade paisagística da região compõe um novo campo cultural que lança elementos delineadores de construção socioespacial, notadamente no período que o regime militar desdobra sua intervenção na forma de urbanização, industrialização e investimentos relacionados à imagem turística da região.

São alterações que atendem a novos interesses políticos e econômicos, pautados por novas práticas e representações sociais. São mudanças de significados que se dão em várias ordens: do sertão para o litoral; do deserto para o oásis; do atraso para o progresso; do inóspito para o paradisíaco; da escassez para a abundância; do discurso da seca para o discurso do prazer. Mas,

como frequentemente ocorre com os espaços margeados, tal elaboração se vê, ora preocupada com as inscrições do Nordeste, junto às identidades do sertão, já cristalizadas anteriormente, ora com a proposição litorânea, que vai se impondo às visualidades preexistentes, revelando a força que o imaginário da atividade turística passa a exercer, transformando novos espaços para seu consumo (Cruz, 2002).

Seguindo essa lógica de imagens que buscam a inclusão de paisagens turísticas nos espaços de Natal, a capital norte-rio-grandense foi tema de uma matéria denominada como especial, recheada de fotografias, numa revista de grande circulação nacional; a revista semanal *Fatos e Fotos*, número 395, da Bloch Editores, que circulou em 29 de agosto de 1968. A matéria foi intitulada por *Natal – A Cidade do Sol*. Essa é uma das primeiras chamadas públicas de âmbito nacional localizando a cidade de Natal como um destino turístico relacionado ao Sol e ao Mar. As imagens foram registradas por um dos representantes da fotografia, no segmento social e espacial, norte-rio-grandense, Sebastião Barbosa. A matéria, com destaque ao imagético, é acrescida pelo texto do jornalista potiguar Cassiano Arruda, que ocupa lugar de prestígio em seu campo de atuação. São imagens que articulam a paisagem, a fotografia, o turismo e seus imaginários na construção simbólica da Cidade de Natal.

Nesse contexto em que os espaços da cidade iniciam um processo de adequação a lógica hegemônica das cidades ocidentais, as imagens de Sebastião Barbosa na revista, deram ênfase aos espaços urbanos de acordo com o objetivo moderno e industrial de revelar uma cidade em vias de progresso econômico, apropriando também em seus registros às zonas litorâneas, mesmo antes da inserção da capital potiguar em um mercado turístico. A visualidade do litoral destacada na revista direciona à percepção da incorporação da atividade, primeiro ideologicamente, logo após, as ideias materializam-se atreladas ao universo de profundas mudanças sociais que ocasionaram o estabelecimento de uma sociedade mercadológica e que foram responsáveis por significativa transformação nas percepções dos sujeitos.

Tem-se em conta o espaço estudado em sua dinâmica, como um resultado da ação social e de diferentes disputas entre os indivíduos que constroem esse espaço. Seguindo essa linha de pensamento, que prioriza a dinâmica espacial o arquiteto Fábio Duarte, embasado na obra de Lefebvre, exemplifica que a sociedade é representada pelos espaços que ela produz. Assim, “[...] a prática espacial permite a formação lenta de lugares específicos dentro do espaço, onde a sociedade secreta seus valores, dominando e se apropriando de certos espaços, assegurando a continuidade e coesão social” (Duarte, 2002, p. 43).

Nas palavras de Henry Lefebvre:

A reprodução das relações de produção implica tanto a extensão quanto a ampliação do modo de produção e de sua base material. Portanto o capitalismo, por um lado, se estendeu ao mundo inteiro, subordinando a si as forças produtivas antecedentes e transformando-as para seu uso. Por outro, o capitalismo constituiu novos setores de produção e consequentemente de exploração e de dominação; entre esses setores, citam-se: o lazer, a vida

cotidiana, o conhecimento e a arte, a urbanização, enfim [...] (Lefebvre, 1999, p. 176).

A implantação de uma nova ordem de organização urbana e social fomentada pelo processo capitalista, como nos diz Henry Lefebvre na citação acima, são observados nas imagens de Sebastião Barbosa que circularam no periódico semanal e logo são atreladas a ideologia do turismo como indústria capaz de fomentar o progresso, dando origens a espaços de sociabilidade e lazer. Mas, como Henri Lefébvre observou, a sociedade do pós-guerra marcada pelo fragmentário e pelo incerto, pela prevalência do repetitivo em relação ao transformador, leva a entender o cotidiano como uma representação em constante construção, um mosaico de imagens estabelecidos na tensão entre a ocultação e a revelação (Martins, 2009). Como será observado.

#### **4 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Conforme referido o foco desse artigo é problematizar os elementos ideológicos que se destacam no registro dos espaços turísticos da cidade de Natal. Sendo a imagem fotográfica a principal metodologia do trabalho, recorre-se à discussão crítica dialética proposta por José de Souza Martins em seu livro *Sociologia da Fotografia e da Imagem* (2009). O autor discute a fotografia como fonte e registro de informações na sociologia e na antropologia sobre a realidade social, apresentando uma série de exemplos fotográficos. Destaca como a fotografia pode revelar dimensões inesperadas da realidade social, pois possuem um papel importante na compreensão da sociedade, já que o contexto atual prioriza o olhar e as diferentes visualidades. Como ressalta Martins (2009, p. 09) “vivemos numa sociedade que se tornou visual antes de tudo”.

E, em uma perspectiva que privilegia o diálogo com a transdisciplinaridade, considera-se o espaço, uma categoria analítica geográfica, como estratégico para dialogar com a fotografia. Visto que a fotografia carrega em si um espaço e como aponta Mauad (2008) traz consigo o desafio de descobrir aquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Desse modo, se faz necessário a problematização da imagem enquanto enquadramento ou produção socialmente construída, ou seja, uma forma de leitura e interpretação cujas percepções são sustentadas em determinadas experiências e perspectivas.

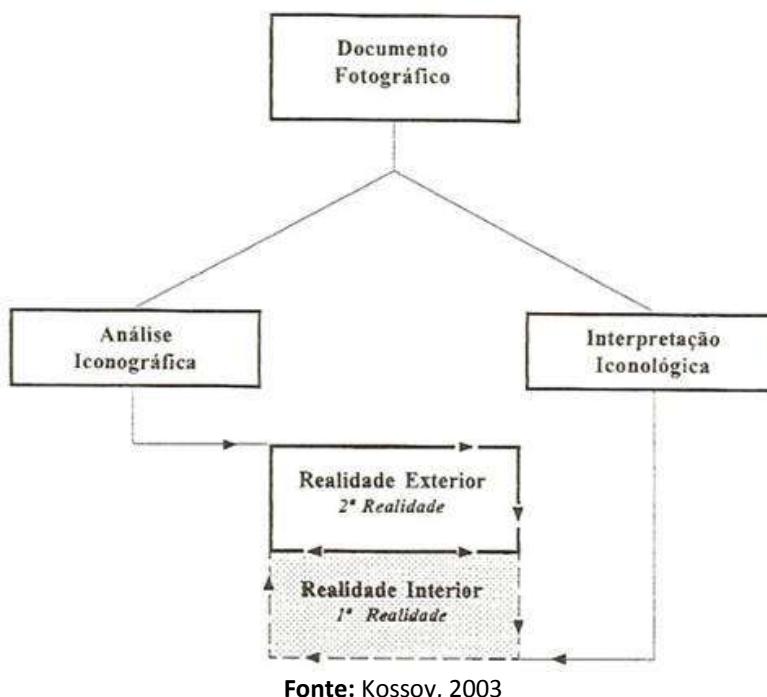
De acordo com Kossoy (2009), na constituição e disseminação da imagem fotográfica em meios de comunicação, há antes de qualquer coisa, os condicionamentos históricos e contextuais que perpassam e codificam o olhar. Sendo o fotógrafo conotativamente o emissor da paisagem imagética, em produções que relatam a história visual de uma sociedade, documentam espaços importantes, lugares de passagem e estilos de vida. Logo, não há imagem fotográfica sem a percepção da linguagem, sem um universo de intencionalidades e reflexões que raramente serão inocentes.

Para compreendê-las enquanto documento de pesquisa Kossoy (2003), sugere a proposta iconológica e iconográfica de Panofsky para análise das pinturas artísticas, readequada à leitura da imagem fotográfica. O autor identifica a iconografia como sendo a fase de observação e

identificação na imagem dos “elementos icônicos formativos”. É, portanto, uma fase descritiva e não interpretativa. Já, com a iconologia, apreende os significados intrínsecos das imagens, que estão nas entrelinhas, para além da informação iconográfica. A interpretação da imagem deve ser também alimentada através de outras fontes que possam esclarecer sobre o passado ou que tragam vestígios sobre a atuação do fotógrafo.

A saber, a fotografia contém em si um registro de um fragmento do real, ou seja, o recorte espacial que decorre da relação fragmentação/congelamento, um alicerce da representação fotográfica. Nesse sentido, o registro fotográfico no tempo fixa e no espaço fraciona e elege. Sendo a fotografia uma construção, enquanto documento uma representação e enquanto registro uma criação, se dá por meio de duas realidades: A primeira e a segunda realidade. A *primeira realidade* é o índice, o passado, a história particular do assunto e independente da representação é o instante de curtíssima duração em que se dá o ato do registro. É a realidade interior que a fotografia contém oculta. Ela é complexa e se confunde com o curto instante de captação em que se originou. A segunda realidade é o assunto representado nos limites bidimensionais, a referência presente, a realidade exterior da imagem tornada documento (Kossoy, 2003, p. 31).

**Figura 1 - Esquema de leitura Iconológica e Iconográfica**



Como observado, tem-se na fotografia um quadro onde a dimensão imagética mostra-se como mapa que se alimenta pelo e para o domínio social. Para significar as tramas que acompanham uma imagem fotográfica é preciso problematizá-la por meio de seus elementos, perceber seus artefatos, articulações, ideias e as formações discursivas que essa imagem reproduz. Mais do que isso, entendê-la como um sistema de representação cultural, sociopolítico e econômico, orientada de específicos interesses. Nesse universo inter-relacionável, o fotógrafo é

um operador que constrói os significados por meio das práticas cotidianas, através do seu olhar ao mesmo tempo coletivo e individual. O que faz com que a fotografia se constitua em uma representação cultural e em fragmentos da organização social com sentidos reais e estéticos (Martins, 2009).

#### 4 “NATAL A CIDADE DO SOL”: revelações e ocultações na fotografia

Na cidade de Natal podemos afirmar que o período que vem logo após a Segunda Guerra dá a capital novas paisagens e visualidades, marca o início de um mercado, mesmo que ainda tímido, de vistas da urbe destinadas ao turismo (Marques, 2013). Esse é o período em que Cassiano Arruda constrói um texto de representação da cidade de Natal, incluindo-a na lógica do turismo sol e mar. As imagens fotográficas de Sebastião Barbosa afirmam o texto escrito. nesse âmbito a fotografia é utilizada como um recurso de legitimação, que afirma e justifica o discurso do jornalista Cassiano Arruda; como uma prova do real. Para além dessa objetividade direcionada à fotografia e buscando analisar os elementos ideológicos que mascarados na imagem, materializam-se no social, vinculados principalmente na crença de que esta é um registro imparcial da realidade é que a seguir entrevemos as imagens selecionadas para divulgação da capital potiguar na revista *Fatos e Fotos*.

A primeira fotografia a ser revelada criticamente – figura 1 – é uma panorâmica que representa o litoral da capital, abre a matéria que vai afirmar a capital de Natal como a Cidade do Sol, uma perspectiva que é real enquanto captação de uma construção mediada pelo fotógrafo. Não se consegue, visualmente, identificar o local da praia que está na imagem, nem há menção na matéria sobre a sua localização. A negação do lugar abre a possibilidade para uma idealização geográfica bem mais ampla da imagem fotográfica. A paisagem destacada na fotografia acompanha o título, se descola de uma referência que a determinaria como praia A, B ou C, para doar seus símbolos a toda a capital de Natal: a então, Cidade do Sol. É claro, o objetivo de padronização do lazer mediado pelo Sol e o Mar, uniformiza os espaços, dando a entender que qualquer parte do litoral da capital terá esse “atrativo” representado pelos símbolos destacados. São discursos que se constroem em consonância com o que acontece em outras zonas litorâneas, que pensam os espaços como uma homogeneidade e que buscam lhe atribuir sentidos, essência, verdades e símbolos que plasmam-se entre o local e as expectativas globais.

O coqueiro centralizado e logo no primeiro plano chama a atenção do olhar, convida a ultrapassá-lo e a seguir adiante para vislumbrar o plano de fundo que comporta os diferentes tons de cor do céu e do mar, tonalidades sugeridas pela luz do sol, mas decodificadas e ornamentadas nas cores padrões do laboratório de revelação. Uma paisagem que se acredita agradável, exótica, paradisíaca e atemporal. Um dos pares dialéticos que mais destacam-se nessa imagem é o par da cultura/natureza, em que a cultura está representada pelos sentidos que depositamos na paisagem em destaque, nas expectativas criadas, nos sentimentos que essa imagem é capaz de causar aos seus telespectadores. Ou, como afirma Roland Barthes (1984), no *studium* que ela

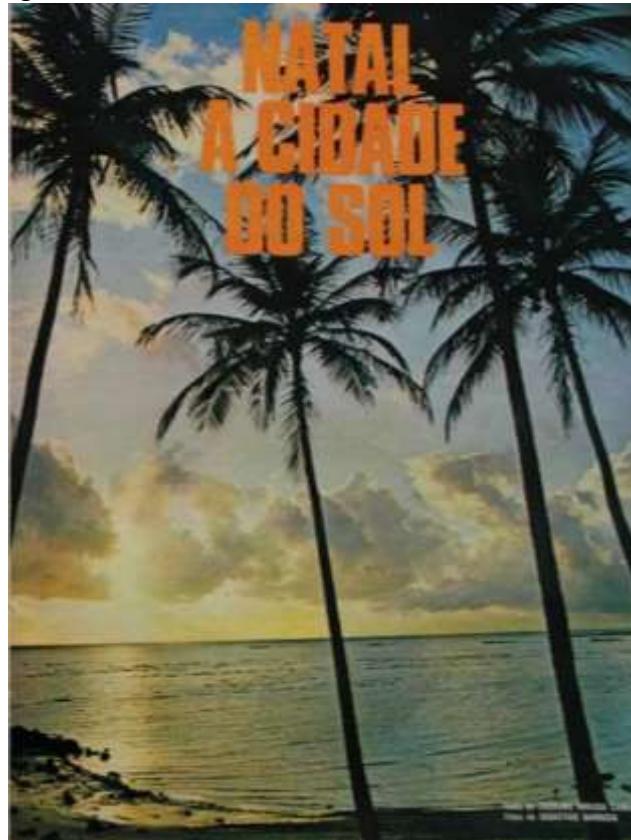
representa, pois é culturalmente que participa dos cenários e dos interesses diversificados, atrelados às intenções do fotógrafo, ao contrato feito entre os criadores e consumidores.

A visão que temos é de uma natureza mediada pela cultura do ser humano, visto que a praia em Natal, durante muito tempo foi apreendida como depósito de lixo e logo após como moradia de pescadores, só após as primeiras décadas do século XX começa a receber os novos usos, como os banhistas em busca de curas, direcionados por prescrições médicas e a seguir banhistas em busca do lazer. O contato do indivíduo com o mar vem das prescrições médicas, da busca da terapêutica, de modo racionalizado, de acordo com os ideais que começam a emergir com o advento do iluminismo, sistematizado, porque há uma quantidade específica de mergulhos, um tempo mínimo e máximo para ficar dentro do mar. São práticas que oferecem toda uma série de novas relações entre os indivíduos, que além de mudar o entendimento do sujeito com o mar, perpassa a própria sociabilidade nesse novo espaço de relação. São vários momentos de discursos para se chegar às construções do desejo da beira-mar (Corbin, 1989).

Não se vê a natureza tal qual ela é, relaciona-se com os juízos emitidos sobre o que enxerga-se. Essa fotografia é assim um espaço selecionado pelo fotógrafo, que não revela a realidade em si, mas uma parte que interessa aos objetivos no qual está imersa a lógica de uma sociedade mercadológica, no qual a construção do desejo de usufruir a natureza é fundamental para a captação de imagens de paisagens ditas naturais, direcionadas para específicos tipos de consumo, aqui o consumo propiciado pelo turismo que propaga o sol e o mar.

Notadamente, o discurso que envolve o turismo como propulsor de um progresso econômico adquiriu um papel cada vez mais importante, apresentando as paisagens com enorme positividade. Uma prática relacionada ao sistema econômico e social que como relata Guy Debord (2003, p. 17), está ligada a espetacularização dos espaços, no qual a aceitação passiva da aparência é a essência de uma sociedade que não diz nada além de “o que aparece é bom, o que é bom aparece”, naturalizando assim, configurações que dominam e elaboram os espaços. Como se a paisagem destacada fosse uma paisagem fixa, que sempre esteve lá, desde a sua origem e que tem seus méritos em sua própria estética, por isso em algum momento da história irá se destacar, irá aparecer só cabendo aos homens encontrar o seu caminho. Na imagem em destaque há a representação desse caminho que foi encontrado pelo fotógrafo e pelo jornalista e é oferecido pelo meio de comunicação como mais uma opção aprazível de paisagem aos viajantes que podem usufruir dos seus espaços.

Figura 2 - Natal – Cidade do Sol



Fonte: Revista Fatos e Fotos, (agosto de 1969, p . 43)

Para se enxergar uma paisagem, não bastam os elementos da natureza dispostos ao olhar, sobrepostos em um espaço. Deve-se antes, encontrar nesses elementos visíveis, nessa natureza demarcada, condições para que certo conteúdo chame a atenção (Simmel, 2009). Nesse caso, não se pode perder de vista que os seres humanos são indivíduos e paisagem, são obras culturais das percepções que criam e delimitam espaços. A busca do ser humano pela natureza pura, como um espaço isolado em si, para seu refúgio é impossível. Sabe-se que esse desejo só nasce e só ganha forma, porque a natureza e o humano são elementos intrínsecos; “criamos a natureza e ela existe em nós” (Schama, 1996, p. 36).

Nas páginas 46 e 47 da revista – figura 2 – tem-se quatro fotografias. As quatro imagens legitimam o discurso do jornalista que afirma a cidade como “Paraíso tropical com oito praias, coqueirais e dunas de areias coloridas”, título da página. A apresentação da cidade vem logo abaixo do título, na página 46, da revista semanal *Fatos e Fotos*:

Doze meses de sol por ano e uma temperatura média de 26 graus fazem de Natal, e de suas oito praias, um lugar ideal para as férias. Localizada no extremo oriental da costa brasileira, a capital do Rio Grande do Norte tem o clima mais seco do país, sendo, por isso, a mais procurada para os esportes náuticos. Suas dunas de areias coloridas são uma atração à parte e não há turista que não fique maravilhado com a cor do mar. Os extensos coqueirais prendem os visitantes com

as suas sombras acolhedoras, fazendo do pôr do sol um espetáculo de beleza tropical.

A necessidade das novas visualidades encontra-se centrada numa política de planejamento que incorpora a paisagem litorânea a novos atores sociais e transforma essas zonas de praia em mercadoria valorizada. Sendo a emergência do turismo que favorece a ocorrência dessa construção imagética de Natal como a Cidade do Sol, e não ao contrário. São propagadas as temperaturas elevadas praticamente todo o ano, as areias coloridas dos campos dunares, que passam a existir e corporizam-se em exóticas e apreciadas paisagens.

A fotografia que se localiza na parte superior esquerda, está enquadrando a imagem noturna da Praia do Meio em câmara alta (ou em plano picado), modo que tem o fotógrafo acima do referente, com a intenção de captar a abrangência da panorâmica (aérea). Apreende em luzes a Avenida Atlântica – Avenida com o mesmo nome da famosa avenida que liga o bairro de Copacabana à praia de Copacabana, no Rio de Janeiro – que recorta praticamente toda a imagem. Não é por acaso, que a avenida está no centro da fotografia. O plano é tanto maior quanto sua contribuição dramática ou sua significação ideológica forem grandes (Martin, 2005, p. 47). Há a preocupação em revelar o espaço “embelezado” pela urbanização e iluminação que constitui novas práticas em contraponto ao que era “antigo”. Uma transformação das práticas e uso da cidade que está incluída em um contexto que se congrega com as ideologias de modernidade e progresso que são instauradas na capital.

A cidade vai sendo conformada nas imagens, mas para além do conjunto iconográfico esteticamente organizado há as características atraentes e tendenciosas da imagem fotográfica, o que de certa maneira não é novidade como nos atesta Kossoy (2009). A construção dessa via foi de grande importância para as novas necessidades que se impõe de deslocamento, de rapidez para as trocas, das novas técnicas e principalmente para a inserção do turismo na cidade de Natal, pois a partir dos calçamentos e da ligação que se deu entre as praias do Forte, do Meio, Areia Preta e Artistas, que se urbanizaram na administração do Sylvio Pedroza, as atividades de banho foram gradualmente ganhando destaque, aumentando também o número de visitante a esses locais (Torquato, 2011).

A segunda fotografia, da figura 2, na página 46, enquadra a jangada no mar, uma panorâmica idílica de um tempo praticamente parado entre os diferentes tons de azuis, principalmente no plano de fundo, com linhas tênues que separam o mar do céu. A presença humana é a do pescador, envolvido em um trabalho ainda artesanal, uma visão romântica do espaço que é dada à visualidade onde tudo parece se guiar por uma ordem determinante da natureza. Há uma classificação na fotografia que organiza o indivíduo local (o imerso na cena) e o indivíduo expectador (o fora da cena). Esse sujeito imerso na cena tropical aparece como se localizado em um momento inicial do desenvolvimento, do progresso, da “civilização”, pois, não teria a “cultura” ou formação capazes de transformar o mundo natural a sua volta. Seu trabalho aparece relacionado aos materiais rústicos retirados diretamente da natureza, o que dá a ver um

sujeito incapaz de transformar a natureza ao seu redor. Uma caracterização que cria estereótipos e hierarquias em relação ao outro.

A terceira fotografia na sequência de análise está no lado direito superior da figura 1, é a paisagem da praia do Meio com destaque para o Farol da Mãe Luiza, um convite ao turismo contemplativo e a imersão em um paraíso terrestre e tropical, pouco habitado. Com destaque para as diferentes texturas e tonalidades de azuis que envolvem a imagem. Percebe-se na panorâmica uma organização inserida na lógica da dinâmica urbana, algumas casas e edifícios já estruturados, com os postes elétricos em volta. Mas o primeiro plano, o plano central e o plano de fundo são caracterizados pela exuberância da natureza. De uma forma geral, há pouca importância à presença humana nas imagens. Não há destaque para pessoas em primeiro plano, somente diluídas ao fundo da representação. Vale lembrar com Schama (1996), que o que se vê e o que agrada ao olhar é uma construção cultural. Assim enxerga-se (biológico) aspectos físicos e geológicos, mas vê-se (cultural) uma paisagem que remete simbolicamente a uma natureza divinizada, dotada de valores estéticos e de regras para praticá-la no qual as pessoas afastadas, propositadamente, possivelmente foram retiradas da cena, para ser apresentada ao possível visitante uma imagem dentro da mais perfeita ordem.

Centralizada entre as páginas 46 e 47, a quarta fotografia destaca uma figura feminina, de cabelos louros, uma representação estética que não corresponde à população local que é majoritariamente mestiça. Visto que nesse mesmo período as propagandas de turismo focavam a figura feminina nas paisagens comercializadas em prol do turismo, a modelo exposta destaca-se também como uma paisagem natural, explorada e significada como hospitaleira, exótica e sensual. Traços que seriam resultados satisfatórios da mistura de raças no país, que já foi profundamente debatida em significativos estudos, como os do Sérgio Buarque de Hollanda e do Gilberto Freyre. Uma imagem que foi tão bem cultivada pela Embratur – Empresa Brasileira de turismo, como destaca em seus estudos o pesquisador João dos Santos Filho (2008):

Os militares usaram do turismo para divulgar o exotismo do carnaval e da terra dos prazeres erótico e exótico [...]. A publicidade sobre o Brasil, feita pela EMBRATUR, de 1966 a 1996; nas feiras internacionais de que o Brasil participou, foi uma verdadeira tragédia; o estímulo acentuado as mulheres nuas, com o tratamento de país erótico em que a pobreza obriga mulheres a se prostituir como opção de empregabilidade.

As fotografias em analogia com o turismo estão atreladas a um mercado de visualidades que apresentam fragmentos de um contexto que emergem nos jogos entre símbolos, signos e significantes e projetam ao mesmo tempo em que são projeções da reorganização espacial da cidade direcionada ao lazer/consumo. Nesse ínterim podemos perceber que a imagem que em um primeiro olhar parece desinteressada, está recortando interesses e classificando signos que não condizem com uma realidade majoritária na cidade, mas apenas com um pequeno fragmento do que a cidade poderia oferecer ao olhar.

Na quinta fotografia na figura 2, uma paisagem bucólica, a cena destaca uma cruz no meio da praça, o aspecto religioso que envolve o imaginário sobre a região é valorizado, com

visibilidade à religião católica. São símbolos que praticamente contradizem as representações de modernidade, resquícios de uma reação conservadora à sociedade capitalista que se instaura no país, reação marcada pelo saudosismo da estrutura social colonial, norteadas por essa religião, pela mestiçagem e pelas festas e rituais que caracterizaram uma cultura folclórica em torno da região (Albuquerque Junior, 2013). O espaço remete a um momento de sociabilidade dos moradores, com vistas a preservar a tradição, mais um mito que compõe essa elaboração visual presente, como uma manifestação cultural que nega sua própria condição de discurso.

De acordo com Albuquerque Junior (2013) a falência da sociedade colonial desembocou em crise cultural e em antagonismo ao crescimento político e econômico da região sudeste, favorecendo um embate entre tradição *versus* modernidade. Nesse sentido, o imaginário nordestino também constitui-se com ideias fomentadas pelo controle patriarcal, atraso dos costumes e direcionamento religioso. Mesmo o Nordeste abrigando uma das maiores metrópoles do país e tendo desde a década de 1960 a maior parte da sua população vivendo em cidades, continuou sendo visto como uma região subordinada, rural, arraigada ao folclore e à religiosidade popular.

**Figura 2 - Paraíso tropical com oito praias, coqueirais e dunas de areias coloridas**



**Fonte:** Revista Fatos e Fotos (1968, p.46 e 47)

O fotógrafo, recortado por seus filtros culturais não fotografa o que vê, mas vê o que fotografa a partir de categorias de representação, de concepções, de um estilo. Os modelos de representação expostos atendem a uma demanda de paisagem turística, comercializável, buscam nos espaços o que pode fazer parte do que é considerado pitoresco, do que foi construído no imaginário, principalmente europeu, sobre as paisagens dos trópicos e das relações dos indivíduos locais com esses espaços. Mas, não deixam de revelar também a possibilidade da infraestrutura

concatenada à concepção de progresso, que está intimamente relacionada à ideia de modernidade, conceito que tem como base a existência de uma natureza econômica e social onde a civilização busca desenvolver-se por intermédio de uma produção crescente. “São as circunstâncias que envolvem o assunto e a própria representação”, que pode-se observar ao mergulhar no conteúdo iconológico dessas imagens (Kossoy, 2009, p. 132). Sendo assim, cabe ressaltar, que a construção de uma dada representação simbólica, não se limita a uma baliza temporal, mas é um processo contínuo em constante metamorfose, no qual a fotografia sempre se prestará aos seus usos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Natal é uma capital turística, atualmente conhecida como a cidade do sol, pela sua ampla zona litorânea, pelo clima quente, morros de areias e águas mornas. O fato de ser considerada turística e ter sido materializada essa atividade em seus espaços, fez com que a cidade sofresse constantes transformações, nem sempre em acordo ou propícias ao bem estar da população local, ao contrário, muitas vezes o recorte da cidade para a materialização de espaços destinados ao turismo causou segregação espacial e supervalorizou os bens de consumo local, excluindo o residente de vivenciar espaços de sua própria cidade. O que pode ser entendido como um movimento que se sobrepõe aos espaços de modo expansível sob a forma de mercadoria, como afirma Lefebvre (1999) e mais tarde é corroborado por Harvey (2005) em seus diversos estudos sobre o espaço.

Os espaços turísticos e ao mesmo a ideia de cidade turística antes de serem materializadas nos espaços, foram introjetadas no imaginário coletivo da população, o que significa perceber que os espaços são antes de tudo culturais, nessa categoria a memória social e política é projetada nas paisagens como afirma Schama (1996). De acordo com a discussão do autor pode-se afirmar que Natal não é turística porque já era a cidade do mar, do sol e das dunas, mas é hoje a cidade das dunas, do mar e do sol porque foi transformada, antes, no imaginário coletivo em turística. E, as diferentes fotografias produzidas e divulgadas concatenadas a lógica do turismo foram de extrema importância para a consolidação das paisagens na cidade, do que hoje é considerado turístico. São discursos ligados à lógica hegemônica da sociedade capitalista.

As imagens divulgadas na revista *Fatos e Fotos* fazem parte da construção de um imaginário paisagístico voltado para o turismo em Natal, que se de um lado envolve os indivíduos locais e agrega símbolos na construção de suas memórias espaciais, fortalecendo as relações de pertencimento e de coletividade, por outro lado, se prestam a inculcação de ideologias que são encomendadas, planejadas e produzidas servindo a finalidades de produção/consumo de espaços, pessoas e objetos. As fotografias em direção ao que especifica Kossoy (2003;2009), como uma “segunda realidade” são organizadas culturalmente, tecnicamente e esteticamente categorias que desmascaradas dão a ver perspectivas da cidade, promovida por grupos que na ânsia de corresponder aos aspectos sociais, econômicos, políticos e urbanos do que “majoritariamente”

considera-se “ideal” encenam um jogo de contradições e de manutenção de diferentes lógicas, que muitas vezes até excluem-se. São imagens que ao articular o turismo, a paisagem e a fotografia fomentam imaginários que edificados constituem marcas que se manifestam em todo um sistema de representação, servindo como referência para a valorização de alguns aspectos espaciais em prejuízo de outros.

A imagem fotográfica concatenada a divulgação dos espaços turísticos não é importante só pelo que revela, mas como afirma o sociólogo José de Souza Martins (2009) pelo o que oculta, por ser uma ferramenta capaz de auxiliar na desmontagem da obviedade que aparenta. É a própria fonte de desconstrução da ordenação que constrói no imaginário social e desse modo revela um significado dos sentidos construídos e materializados nas relações sociais. E entender as paisagens destacadas como próprias ao turismo por sua beleza natural e pelo próprio desejo dos turistas de usufruí-las na medida em que as descobrem é naturalizar e simplificar as relações. Além de não levar em conta a complexidade do próprio fenômeno que é turismo, bem mais complexo e contraditório do que podemos supor.

Por fim, a análise crítica exposta é um exercício de entendimento do turismo para além das análises que recorrem ao fenômeno por intermédio da dicotomia positivo/negativo, contra/a favor. Diante das tecnologias e das possibilidades que suportam a atividade recair nessa dicotomia é algo pouco profícuo. Já as análises críticas auxiliam no desmascaramento de realidades direcionando as conexões que foram perdidas no próprio processo de complexificação da atividade e direcionam a novas possibilidades, principalmente mais humanas.

## REFERÊNCIAS

Albuquerque Junior, Durval Muniz de (2006). *A invenção do nordeste e outras artes*. 3. ed. São Paulo: Cortez, Recife: FJN, 2006.

. (2012). *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discordia*. São Paulo: Cortez.

. (2013). *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (1920-1930)*. São Paulo: Intermeios.

Arrais, Raimundo Pereira Alencar (2009). O mundo avança!: os caminhos do Progresso na cidade do Natal no início do século XX, In: Bueno, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal-RN: EDUFRN, p. 159-192.

Arrais, Raimundo; Andrade, Alenuska; Marinho, Márcia (2008). *O corpo e a alma da cidade*: Natal entre 1900 e 1930. Natal: EDUFRN.

Barbosa, Ycarim Melgaço (2002). *História das viagens e do turismo*. São Paulo: Aleph.

Barthes, Roland (1984). *A Câmara clara*. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Beni, Mário Carlos (2006). *Política e Planejamento de Turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph.
- Boyer, Marc (2003). *História do turismo de massa*. Bauru, SP Salvador: EDUSC EDUFBA.
- Corbin, Alain (1989). *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Schwarcz.
- \_\_\_\_\_(2001). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema.
- Cruz, Rita de Cássia (2002). *Política de turismo e território*. São Paulo: Contexto.
- Dantas, Eustógio Wanderley Correia (2002). Construção da imagem turística de Fortaleza/Ceará. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, v.1, n.1.
- Debord, Guy (2003). *A sociedade do espetáculo*. 4.ed. RJ: Contraponto.
- Duarte, Fábio (2002). *A crise das matrizess espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura*. São Paulo: Perspectiva, FAPESP.
- Furtado, Edna Maria (2005). *A onda do turismo na cidade do sol: a reconfiguração urbana de Natal*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Harvey, David (2005). *A produção do espaço capitalista*. São Paulo: Annablume.
- Kossoy, Boris (2003). *Fotografia e História*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial.
- \_\_\_\_\_(2006). *Hercules Florence, a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_(2009). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 4.ed. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Lefebvre, Henry(1999). *A cidade do capital*. Rio de Janeiro: DP&A.
- \_\_\_\_\_(1986). *La production de l'espace*. Paris: Anthropos.
- Lopes Junior, Edmilson(2000). *A construção social da cidade do prazer*: Natal. Natal: EDUFRN.
- Marques, Sylvana (2013). *Centelhas de uma cidade turística nos cartões-postais de Jaéci Galvão*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Martin, Marcel (2005). *A linguagem cinematográfica*. Lisboa: Dinalivro.
- Martins, José De Souza(1996). *Henri Lefèvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_(2009). *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto.
- Mauad, Ana Maria (2008). *Poses e flagrantes. Ensaios sobre história e fotografias*. Rio de Janeiro: EDUFF.

Meneses, Ulpiano T. Bezerra de (2003). Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, São Paulo: ANPUH/HUMANITAS, julho.

Santos Filho, João dos (2008). Ditadura militar utilizou a EMBRATUR para tentar ocultar a repressão, a tortura e o assassinato. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 84, maio.

Schama, Simon(1996). *Paisagem e Memória*. Tradução Hildegarda Feist. – São Paulo: Companhia das letras.

Simmel, George(2009). *A Filosofia da Paisagem*. Tradução Artur Morão. Coleção Textos Clássicos da Filosofia. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Disponível em:  
[http://www.lusosofia.net/textos/simmel\\_georg\\_filosofia\\_da\\_paisagem.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/simmel_georg_filosofia_da_paisagem.pdf), arquivo consultado em 16 de junho de 2012.

Smith Junior, Clyde (1992). *Trampolim para a vitória: os americanos em Natal-RN/Brasil durante a Segunda Guerra Mundial*. Natal: UFRN/Ed. Universitária.

Torquato, Arthur Luis de Oliveira (2011). *O plantador de cidades e a criação do espaço moderno: construção de uma Natal moderna na administração Sylvio Pedroza*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1946-1950).

Artigo recebido em: 16/05/2014.  
Artigo aprovado em: 25/11/2014